

**ESTUDO DO VOCABULÁRIO RURAL  
DE MINAS NOVAS – MINAS GERAIS**

*Maryelle Joelma Cordeiro (UFMG)*  
[maryellecordeiro@gmail.com](mailto:maryellecordeiro@gmail.com)

**1. Introdução**

A língua é um sistema dinâmico, sendo postulada por muitos teóricos como o principal instrumento de interação e comunicação entre os homens. Sua dinamicidade pode ser observada de forma mais evidente no nível do léxico, uma vez que esse é considerado o subsistema da língua mais aberto, mais suscetível às mudanças, sendo capaz de refletir valores, crenças, hábitos e costumes de um determinado grupo social.

Os estudos lexicais têm chamado a atenção dos pesquisadores exatamente devido ao fato de se conseguir, por meio dessa área, relacionar a língua com a cultura de um povo.

Para Souza (2008, p. 13):

A língua está intimamente relacionada com a cultura de um povo, é por meio dela que todo o conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do léxico que os traços culturais de um povo mais se evidenciam.

A língua, em seu léxico, é capaz de mostrar as maiores particularidades e especificidades de um determinado local. Conhecer o léxico de uma determinada região é a porta de entrada para ser conhecida a cultura, os costumes e as crenças de um povo. Tais aspectos estão presentes na comunicação do dia-a-dia, seja no ato de nomear, seja simplesmente na manutenção ou criação de um novo vocabulário.

O estudo do vocabulário rural nos permitirá não somente conhecer a cultura desse povo, como também observar suas características mais importantes, pois como aponta Ferraz (2006, p. 221): “A análise do léxico permite-nos identificar traços relevantes dos grupos sociais que dele se utilizam e o manipulam, no interior dos quais situamos a motivação para a constituição e expansão do conjunto lexical”.

## 2. *Língua e sociedade*

A relação existente entre a linguagem e a sociedade é um fato inquestionável. Como já propunha Saussure, a língua é um *fato social*, pois trata-se de um sistema convencional que é adquirido pelos falantes no convívio em sociedade. No entanto, apesar de o assunto já ter sido exaustivamente discutido, muitas vezes o código que é adquirido livremente pelos falantes é percebido como um sistema imposto pela sociedade. De acordo com Coseriu (1982, p. 29), na verdade, “a linguagem é antes fundamento e, ao mesmo tempo, manifestação primária do social, do ‘ser como o outro’ do homem, e a língua não é ‘obrigatória’ como imposição externa, mas como obrigação livremente assumida”.

A língua é o instrumento por meio do qual uma comunidade representa o mundo, expressa seus pensamentos e relata suas experiências. Dessa maneira, é inegável o caráter social da linguagem, pois ao usar a língua uma pessoa consegue interagir com os outros membros reforçando assim os laços sociais dentro desse grupo. Considerar a língua um fato social implica também considerá-la um fato cultural, pois sociedade e cultura estão intimamente relacionadas não sendo possível separar uma da outra. A língua é, portanto, uma instituição social, um instrumento capaz de difundir a cultura e a ideologia de um povo.

### 2.1. *Linguagem e cultura*

Sabemos que língua, como conhecemos, é o conjunto das palavras e expressões que estão à disposição de uma inteira comunidade linguística. Portanto, é parte fundamental do patrimônio cultural dessa comunidade refletindo, em seu uso, as crenças, costumes, mostrando-se em constante evolução para acompanhar os outros elementos integrantes da cultura de um povo. É a antropologia linguística o ramo da linguística que se preocupa em estudar o papel das línguas e da faculdade linguística humana. Faculdade esta que é medida culturalmente.

De acordo com Duranti (2005, p. 14), o principal objetivo da antropologia linguística é tentar compreender os múltiplos aspectos da linguagem como um apanhado de práticas culturais, como sistema de comunicações. Para isso, o autor define a antropologia linguística como “o estudo da linguagem como recurso cultural e da fala como prática soci-

al.”<sup>33</sup> Ele ainda diz que a antropologia linguística considera os falantes, primeiramente como *atores sociais*, ou seja, como membros de complexas e específicas comunidades, cada uma organizada em um grande número de instituições sociais através de uma rede de expectativas, crenças e valores morais relativos ao mundo que se entrecruzam, sem necessariamente se sobrepor.

## 2.2. Variação e mudança linguística

Os estudos linguísticos demonstram indubitavelmente que língua não é uma unidade homogênea e estática, como queriam e ainda querem certos puristas, defensores da ideia de que o dialeto padrão é a única forma legítima, mas sim uma estrutura complexa e heterogênea, que pode sofrer lentas e constantes mudanças.

Em qualquer comunidade linguística pode-se observar que existem ao mesmo tempo imensos números de variedades linguísticas e que a variação pode produzir a longo termo uma mudança na língua. Porém, como ensinam Ferreira et al. (1996, p. 479), ainda que a língua viva através da diversidade, para que se possa estudar o fenômeno da variação e da mudança é preciso considerar o que permanece estável e homogêneo nas línguas: “A maioria das teorias linguísticas que se desenvolveram no século XX fazem abstração dos fenômenos de variação linguística, por motivos teóricos e metodológicos, estudando as regularidades da língua enquanto sistema”.

Foi com a linguística estruturalista da escola de Eugenio Coseriu, que por meio do prefixo *dia-* que significa “ao longo de, através de”, que se estabeleceram os primeiros padrões que delimitariam os campos de estudo da variação.

Não devemos esquecer, porém, que cada ser humano possui características próprias e específicas que os distinguem e também diferenciam a linguagem usada por cada um, a sua maneira própria de usar a língua, seu *idioleto*.

A variação linguística pode apresentar-se em todos os níveis apontados pela língua, como no nível sintático, fonológico, morfológico,

---

<sup>33</sup> Ou “lo studio del linguaggio come risorsa culturale e del parlare come pratica sociale.”

semântico, pragmático. Porém, é no nível lexical que essas mudanças podem ser percebidas mais rapidamente. Embora disponha de áreas conservadoras como os topônimos, o léxico é um sistema aberto que se encontra permanentemente sujeito a processos de contração, expansão e alteração, sendo um dos aspectos mais dinâmicos da língua.

Quando nos propomos a estudar léxicos regionais, em primeiro lugar, temos em mente que trataremos de variação diatópica, mas outros tipos de variação emergem ao longo do desenvolvimento desse estudo, assinalando assim que essas classificações se entrecruzam.

Em se tratando mais especificamente da língua falada há que se focar nos trabalhos de Labov, que se ocupou em estudar a relação existente entre a língua e a sociedade. Seu propósito era sistematizar as variações na língua falada, usando para isso pesquisas que levassem em consideração dados como a classe social, a idade, o sexo, o grau de escolaridade entre outros. Dados que mostrassem a relação existente entre a língua do falante e o meio social em que ele vive.

### **2.3. A dialetologia na lexicografia**

A tradição lexicográfica brasileira, historicamente, sempre esteve pautada na constituição de *corpora* com abonações extraídas de textos clássicos da língua portuguesa, sejam eles produzidos no Brasil, em Portugal ou na África, e de épocas diferentes com referências aos sermões do padre Vieira em 1660, e também extraídas de autores contemporâneos como João Ubaldo Ribeiro, em 1997. Porém, como afirma Aguilera (2011, p. 271) “Se procuramos aí, todavia, por dialetólogos e geolinguistas, não vamos encontrar uma referência sequer”, mas esse quadro tem tudo para mudar a partir de pesquisas que, contemporaneamente, vêm sendo realizadas.

Muito material já se faz conhecido, através de publicações, resultado de estudos parciais, de um grande Projeto nacional ainda em andamento – o ALIB (Atlas Linguístico do Brasil). Debruçando-se sobre todo o território brasileiro, pesquisadores de diferentes universidades, sob coordenação da Profa. Dra. Suzana Cardoso (UFBA) realizam inquéritos, marcam pontos, com objetivo de descrever estudar e conseqüentemente, ter um quadro realista do uso da língua portuguesa no Brasil. Em Minas Gerais, a coordenação regional desse Projeto, que engloba todo o estado de Minas Gerais, está a cargo de Ana Paula Antunes Rocha (UFOP).

## 2.4. Léxicos regionais

Ainda, buscando descrever a língua falada nas diversas regiões de Minas, destacamos o Projeto *Léxico Regional: descrevendo o português mineiro* que vem sendo desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG. Nos últimos anos, inseridos nesse Projeto, algumas dissertações de Mestrado foram defendidas e outras se encontram em andamento como, também, algumas teses de doutorado. Há que se destacar, entre as dissertações já defendidas, os trabalhos *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza (2008); *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Seritões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro (2010); e *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG* realizado por Cassiane Josefina de Freitas (2012).

Partilhando de metodologia comum, essas pesquisas buscam contribuir, principalmente, para que consigamos conhecer a língua falada em Minas Gerais, com destaque para o léxico regional. Expandindo-se além nossas fronteiras políticas, destacamos, ainda, a dissertação de Raquel Pires Costa (2012) intitulada *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, trabalho que se apoia na mesma metodologia dos acima citados.

## 2.5. Lexicologia

A lexicologia é uma das subáreas da linguística que se ocupa do estudo científico do léxico de uma língua levando-se em consideração diversos aspectos como a estruturação, o funcionamento e a mudança pertinentes a essa língua. Tais aspectos são fundamentais na determinação da origem, da forma, do significado do acervo lexical dessa língua e do uso que é feito desse acervo em uma comunidade de fala.

O papel da lexicologia é analisar, cientificamente, a significação do léxico nos seus variados níveis. Já ao lexicólogo impende a tarefa de observar e interpretar cientificamente como são feitos esses empregos e usos. Por meios dos estudos lexicológicos, é possível, então, observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma língua.

Para Oliveira e Isquerdo (*apud* SEABRA, 2004, p. 36), além de estudar o universo de todas as palavras de uma língua, compete à lexicologia a realização de outras tarefas como:

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Dessa maneira, é preciso entender o léxico como a parte essencial de uma língua, sendo composto por todos os itens lexicais que fazem parte do patrimônio social e cultural de um povo. Nesse conjunto de vocábulos ou expressões que compõem o sistema linguístico está encerrado todo o repertório conceitual, todas as unidades formadoras do sistema linguístico e estas unidades, por sua vez, são criadas a partir das necessidades e interesses de uma comunidade.

Dentre os elementos que constituem a língua, o léxico é o que mais reflete as mudanças e as variações linguísticas, em função de seu papel de dar nomes, identificar, caracterizar pessoas, locais, sentimentos e sensações. Todos esses fatores tornam o acervo lexical um reflexo das transformações socioculturais de uma população e fazem parte de uma categoria aberta à criações e inovações do vocabulário, nos mais diferentes registros linguísticos. Para Souza (2008, p. 21) “É por fazer parte do universo social que, diferentemente da gramática da língua, o léxico é um sistema aberto e em expansão, impossível de cristalizar-se, a não ser que a língua morra”.

O léxico de uma língua está profundamente arraigado aos modelos teóricos e concepções da realidade que as populações que a falam têm do mundo circundante, de sua própria história, cultura, tradições e costumes, sendo, portanto meio privilegiado onde o pesquisador pode haurir dados preciosos a respeito da sociedade que esteja estudando.

Cada povo possui valores, crenças, ideologias que se refletem no grau de importância que a língua dá a determinadas frações da realidade, ressaltando algumas com abundância de termos e relegando algumas.

Conforme aponta Ferraz (2006, p. 219):

(...) o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão

do mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística.

É válido salientar a importância dos estudos lexicais: o estudo do vocabulário que, por ser considerado também uma parte da cultura, merece e requer identificação e catalogação para que seja melhor compreendida, não só a cultura como também a história da sociedade.

Veja-se a posição assumida por Ribeiro (2010, p. 15) sobre o objeto de estudo da lexicologia:

[...] as palavras resumem a maneira como os falantes veem a realidade, deixando transparecer valores, crenças, hábitos e costumes de um grupo social. Dessa forma é através do léxico que também são apreendidas a organização e as transformações sociais, econômicas e culturais de uma comunidade.

A lexicologia faz-se, dessa maneira, de extrema importância, por ser o ramo da linguística que, além de realizar o estudo científico do léxico, desempenha também o papel de revelar aspectos culturais e sociais de um determinado povo.

## **2.6. Lexicografia**

A lexicografia é responsável pelo estudo do repertório escrito da língua e pela organização e compilação dos dicionários. Ela se ocupa da organização sistemática e também da descrição lexicográfica objetivando, principalmente, analisar a significação das palavras. Como o léxico de uma língua é formado por todas as palavras que dela fazem, ou poderiam fazer parte, uma tentativa de descrição desse léxico é feita nos dicionários. Os dicionários também buscam registrar e definir os signos lexicais que se referem a conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Trata-se um produto cultural de extrema importância nas sociedades contemporâneas, destinados ao grande público.

Biderman (2002, p. 75), ao tecer considerações sobre o dicionário, diz:

Dado o papel do dicionário em relação à norma social, por registrar a linguagem aceita e valorizada na comunidade dos falantes e também por ser o depositário do acervo lexical da cultura, ele é uma referência básica para uma comunidade. Por isso o dicionário é um instrumento indispensável e imprescindível na fixação do léxico de uma língua e ferramenta fundamental na consolidação de uma língua escrita e literária.

Os primeiros estudos lexicográficos, no mundo ocidental, começaram a ser realizados no início da Era Moderna. As primeiras obras com

características lexicográficas eram uma espécie de lista de palavras, cujo propósito era ajudar na leitura de textos clássicos latinos e também na interpretação da *Bíblia*. Para a elaboração desses trabalhos, as listas eram baseadas principalmente nos glossários latinos do período medieval.

O professor Telmo Verdelho, da Universidade de Aveiro, em Portugal, no texto *Dicionários Portugueses: Breve História*, comenta algumas motivações que levaram à criação das primeiras listas vocabulares.

Para Verdelho (2002, p. 15): “Foi inicialmente motivada pelas solicitações do ensino do latim como língua não materna, e encontrou na técnica tipográfica uma condição determinante para a sua configuração e difusão”.

Como precursores na elaboração de dicionários em língua portuguesa, um dos primeiros nomes que devem ser citados é o do padre D. Raphael Bluteau. O clérigo, de família francesa, nascido na Inglaterra, foi enviado a Portugal, onde aprendeu rapidamente a língua portuguesa. De posse de vasto conhecimento não só do português, como também do francês, do italiano e do latim elaborou o *Vocabulário Português-Latino*, obra bilíngue. A obra possuía caráter enciclopédico devido à grandeza de detalhes com relação aos conhecimentos da época e continha oito volumes publicados de 1712 a 1728.

Baseada nos trabalhos realizados por Bluteau, outra obra de importância fundamental para a lexicografia portuguesa foi publicada pelo brasileiro Antônio de Moraes e Silva, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, com duas edições, a primeira publicada em 1789 e a segunda em 1813. A proposta da obra era de uma reedição reduzida da obra feita por Bluteau, reformulada e acrescida por Moraes e Silva. Percebe-se na obra uma objetivação, no tratamento de dados e na proposta lexicográfica que era completamente diferente daquela feita por Bluteau. Somente na publicação da 2ª edição é que Moraes e Silva atribui a si autoria plena. O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes e Silva é considerado o primeiro dicionário moderno da língua portuguesa. No compêndio foram eliminadas as informações enciclopédicas, onomásticas e bilíngues presentes na obra de Bluteau e a ele foram acrescidas outras 22 mil entradas novas.

Atualmente as obras dicionarísticas se apresentam em diversos tamanhos e modelos. Dentre as variedades de dicionários existem os monolíngues; os dicionários de língua; os analógicos, também conhecidos como ideológicos; os temáticos ou especializados como os de verbos, re-

gências, antônimos e sinônimos; os etimológicos; os dicionários históricos e os dicionários terminológicos que abrangem termos das diferentes áreas do conhecimento.

### **3. *Percurso histórico***

O povoamento do Vale do Jequitinhonha se concretizou ainda na época em que o Brasil era uma colônia de Portugal. Com a descoberta de ouro e de pedras preciosas nas imediações da região que hoje se tornou Diamantina, e também no Serro, ambas localizadas no Alto Jequitinhonha, teve início um longo processo de ocupação e criação de povoados, que se tornariam mais tarde importantes municípios.

Naquela época, os caminhos e os cursos dos rios funcionavam como vias de comunicação entre as localidades que haviam começado a se constituir. Rios como o São Francisco, o Pardo, o Jequitinhonha, o Doce e o Mucuri serviam como vias naturais e eram por eles onde mais facilmente podia se chegar ao sertão. Por esses caminhos, a riqueza que era explorada da terra escoava e também por eles entravam os diversos produtos que abasteciam a população, que era cada vez mais numerosa.

A região do Vale do Jequitinhonha estava localizada em uma posição estratégica entre dois importantes centros históricos e econômicos da época, Salvador e Rio de Janeiro. Foi a partir do Arraial do Tejuco, atual Diamantina, Araçuaí e Minas Novas, que se iniciou a ocupação da região do Jequitinhonha, com centro dinâmico no Arraial do Tejuco.

A descoberta de diamantes, por Bernardo da Fonseca Lobo, em 1729, permitiu o desenvolvimento da região do Tejuco. A localidade tornou-se uma área de intensa circulação de garimpeiros, pois o interesse pelas pedras era, de certa maneira, bem maior do que o desejo pelo ouro. Apesar do rápido povoamento ocorrido na região do Tejuco foi somente em 1831, mais de cem anos após o início da exploração das minas de diamantes, que a localidade foi elevada à categoria de vila. Mesmo após a decadência da mineração, esse centro foi capaz de manter um dinamismo próprio e contribuir para o desenvolvimento de localidades vizinhas.

A cidade de Araçuaí começou a se despontar no Médio Jequitinhonha por encontrar-se numa posição geográfica privilegiada e por integrar a rota do comércio dentro e fora da região. Outro motivo que contribuiu para o seu progresso econômico da região foi o fato de estar localizada em uma região de divisor de águas entre os rios Jequitinhonha e

Araçuaí, onde pôde ser construído um importante porto fluvial. Já na segunda metade do século XVII, pelas águas do rio Jequitinhonha, eram transportados até o litoral do Brasil todo o ouro e pedras preciosas que eram encontradas no rio Araçuaí.

Minas Novas foi um dos centros que também já se destacava no século XVIII. Seu povoamento teve início com a descoberta de ouro e diamantes, no ribeirão Bonsucesso, por bandeirantes paulistas, por volta de 1727. A importância econômica da localidade foi muito grande e por muitas vezes chegou a se cogitar a indicação de Minas Novas para a capital da capitania de Minas Gerais. Mais tarde, quando o setor da mineração começou a entrar em crise, parte da população do Alto Jequitinhonha migrou para outros centros urbanos formados, ocupando trechos do Médio e do Baixo Jequitinhonha, principalmente ao longo dos rios Jequitinhonha e Araçuaí.

#### **4. Métodos e procedimentos**

Conforme foi apontado na *Introdução* do nosso trabalho, esta pesquisa caracteriza-se por realizar um estudo linguístico-cultural, enfocando o vocabulário rural de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, usando como arcabouço teórico os fundamentos da sociolinguística, da lexicologia e da antropologia linguística.

##### **4.1. Pesquisa de campo**

Partindo da metodologia sugerida por Labov (1982), foram feitas entrevistas orais com 12 moradores da zona rural de Minas Novas. Os registros se deram em locais já conhecidos dos entrevistados, como em suas próprias casas ou na residência de familiares ou amigos. Por se tratar também de uma pesquisa lexical, antes das gravações, foi pensado em como deveria ser feita uma abordagem que funcionasse como um instrumento que melhor coletasse ou fizesse realizar o maior número de ocorrências lexicais nos campos léxicos determinados.

##### **4.2. Seleção de informantes**

A escolha dos informantes foi baseada nas normas estabelecidas pelo projeto ‘Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais’,

projeto da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Mendonça de Amarante Cohen e desenvolvido entre 2003 e 2006. As normas preveem que, em condições ideais, o falante deve:

- a) ter idade igual ou superior a setenta anos;
- b) ser oriundo preferencialmente de localidades rurais;
- c) ter nascido ou passado a maior parte de sua vida na região que está sendo estudada;
- d) ter baixo grau de escolaridade ou ser analfabeto.

A escolha de tais informantes deve-se ao fato de o vocabulário usado por pessoas enquadradas nesse perfil tender a mostrar um léxico mais próximo ao vernacular, além de revelar possíveis retenções linguísticas.

### 4.3. As transcrições

Para a transcrição das entrevistas foi adotada também a metodologia proposta pelo já mencionado projeto “Filologia Bandeirante”, adaptado posteriormente pela equipe do projeto “Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais”, modelo já utilizado em trabalhos anteriores como o de Amaral (2001), Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009), Ribeiro (2010) e Freitas (2012). O modelo utilizado nas transcrições não se refere a uma transcrição fonética, mas uma transcrição ortográfica, com algumas adaptações.

Nº da ficha – <i>lexia</i> (classificação morfológica)
<i>Abonação</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: _____
2. Moraes e Silva: _____
3. Laudelino Freire: _____
4. Aurélio: _____
5. Amaral: _____
Registro em glossários:
1. Souza: _____
2. Ribeiro: _____
3. Freitas: _____
Origem: (Cunha, ano, página)

#### 4.4. Fichas lexicográficas

Foram elaboradas 312 fichas lexicográficas, organizadas em ordem alfabética, contendo a análise dos dados coletados nas entrevistas e transcritos conforme metodologia adequada. Vale ressaltar que para cada lexia selecionada foi elaborada uma ficha lexicográfica, conforme modelo acima.

#### 4.5. Sobre os dicionários consultados

As obras lexicográficas consultadas e utilizadas na análise dos dados são obras renomadas, que foram publicadas nos anos setecentos, oitocentos e novecentos:

- a) *Vocabulario Portuguêz e Latino*, obra de Dom Raphael Bluteau, que foi um dos precursores na elaboração de dicionários em língua portuguesa.
- b) No ano de 1789, foi publicada por Antônio de Moraes e Silva a primeira edição da obra *Diccionario da Língua Portuguesa*. Baseada nos trabalhos realizados por Bluteau, a obra de Moraes é considerada de importância fundamental para a lexicografia.
- c) O *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, organizado em cinco volumes, foi publicado na cidade do Rio de Janeiro de 1939 a 1944.
- d) A obra *Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira foi publicada pela primeira vez em 1975 e é, hoje, considerada o “dicionário padrão da língua portuguesa”.
- e) *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral foi selecionado por tratar-se de uma obra de grande importância para os estudos dialetológicos no Brasil, um dos primeiros estudos sobre o léxico rural na língua portuguesa.
- f) A escolha do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha se deve ao fato da necessidade de investigarmos a origem das lexias estudadas, como também a data da sua primeira aparição na língua portuguesa, pois nos dicionários mais antigos, muitas vezes não havia registro dos vocábulos selecionados.

#### 4.6. A macro e a microestrutura do glossário

Para a organização do nosso glossário, foram seguidos e adotados alguns preceitos de autores renomados da lexicologia e da lexicografia, como Haensch et. al. (1982) e Barbosa (1995), que apresentam uma definição bem estruturada para *glossário*. Segundo Haensch (1982), glossário é toda obra lexicográfica que faz o registro e a explicação de vocábulos utilizados por autores em obras literárias, como também aqueles que em outro tipo de texto destacam palavras cujo significado é de difícil compreensão, palavras que são enumeradas e organizadas em ordem alfabética ao final da obra.

#### 4.7. A macroestrutura

Depois de feita a escolha dos vocábulos que comporiam o *corpus*, as entradas foram organizadas alfabeticamente, mantendo a forma registrada nas transcrições, o que facilitaria a consulta e a identificação, exceto no caso dos verbos que foram alterados para a forma no infinitivo. Posteriormente, as lexias foram agrupadas em redes semânticas afins, seguindo-se o critério onomasiológico.

#### 4.8. A microestrutura

A microestrutura do glossário foi elaborada de acordo com o modelo que se segue:

#### Forma do Verbetes

**Lexia**– (*dicionarização*) • *Estrutura Morfológica* • *Origem* • *Definição* • *Abonação*.

As informações do glossário estão disponibilizadas de acordo com as informações já presentes nas fichas lexicográficas, com os itens *Lexia*, *Registro em dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem e Abonação*. Ressalta-se que o item *dicionarização* foi assim organizado:

- a) (A): dicionarizado no *Aurélio*
- b) (n/A): dicionarizado em pelo menos um dos outros dicionários consultados

c) (n/d): Não dicionarizado

Foi feita também uma definição para cada lexia, de acordo com o significado adquirido no contexto de registro.

## 5. *Análise dos dados*

### 5.1. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

Após a análise das fichas lexicográficas pode se verificar que um número significativo de vocábulos não estava dicionarizado, porém muitos deles encontraram-se registrados em pelo menos um dicionário.

De um total de 312 lexias foi verificado que 226 lexias possuem registro em pelo menos um dos dicionários consultados. Esse número corresponde a 72% do número total de lexias. Também foi verificado que 86 lexias não foram encontradas em nenhum dos dicionários consultados, o que corresponde a 28% do *corpus*.

### 5.2. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

Dentre as 226 dicionarizadas estão presentes: 1) no dicionário de Bluteau foram encontrados 109 vocábulos, o que corresponde a 48% do total de lexias dicionarizadas; 2) já no dicionário de Moraes e Silva, representado pela coluna azul, apresenta 126 lexias dicionarizadas, o que representa 56%; 3) o maior número de lexias foi encontrado nos dicionários de Laudelino Freire e no Aurélio, representados, respectivamente, pelas colunas em verde e em vermelho, com 215 e 210 vocábulos, o que corresponde a 95% e 93% ; 4) no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 57 unidades léxicas, ou seja, 25% do total de 226 lexias que se encontram dicionarizadas.

### 5.3. Quanto à classificação gramatical

No que diz respeito à classificação gramatical, a avaliação das fichas nos permitiu constatar que o maior número de lexias selecionadas exerce a função de substantivo, com 184 lexias, representando 58,9% do total do *corpus*. A segunda classe de palavras com o maior número de lexias são os verbos, com 70 ocorrências, ou seja, 22,4 % do *corpus*. As fraseologias somam 7 % com 22 lexias. Os adjetivos apresentam 13

ocorrências, com 4,48% do número total de lexias. Já as locuções adverbiais totalizam 2,88% com 9 ocorrências. Os advérbios somam 8 lexias, com 2,56% do *corpus*. Estão presentes ainda 3 pronomes com 0,9 %, 2 interjeições que correspondem a 0,64 % e 1 conjunção que representa 0,32% do número total de lexias.

#### **5.4. Dicionarização segundo a classificação gramatical**

As 312 lexias presentes no *corpus* foram organizadas em sete categorias, representando as classes gramaticais contempladas. Para indicar o número de vocábulos dicionarizados ou não dicionarizados, de acordo com a classe gramatical, de acordo com as classes gramaticais. Do total de 226 unidades lexicais, foi verificado que 141 são substantivos, o que corresponde a 61,9% do número total de lexias dicionarizadas. São 60 os verbos que se encontram dicionarizados, com um percentual de 27%. Das fraseologias selecionadas, somente 1 está dicionarizada, com um percentual de 0,4 %. Já os adjetivos contam com 12 itens lexicais, com 5,3% das lexias registradas. As locuções adverbiais e advérbios somam 6 lexias cada um, com 2,7%. Nenhum pronome, interjeição, nem conjunção encontram-se registrados em dicionários.

#### **5.5. Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas**

A análise das 86 lexias não dicionarizadas nos permitiu observar que 44 delas, ou seja, 50% do total de lexias ainda não dicionarizadas exercem a função de substantivo. Os verbos ainda não registrados em dicionários somam 10 unidades lexicais, o que corresponde 11,6% dos itens não dicionarizados. As fraseologias são 21, com 24,4%. No caso de adjetivos somente um vocábulo não está dicionarizado, com 1,15%. No que diz respeito às locuções adverbiais três não estão dicionarizadas, correspondendo a 3,4%. Dois advérbios não se encontram registrados, o que corresponde a 2,3 % do *corpus*. Com relação aos pronomes, interjeições e conjunções nenhum deles está dicionarizados. Os 3 pronomes, 2 interjeições e 1 conjunção, correspondem, então a, respectivamente, 3,4% , 2,3% e 1,2 % do número do total de lexias não dicionarizadas.

### **5.6. Quanto à origem**

Com relação à origem das lexias dicionarizadas, a grande da maioria das lexias selecionadas para compor este trabalho é de origem portuguesa, com 193 vocábulos o que significa 61,8% do total de dados. Os dados cuja origem não foi encontrada correspondem a 9,6% do *corpus*, com 31 lexias. As lexias de origem indígena aparecem em seguida com 27 elementos, o que corresponde a 7,6%. As de origem africana foram 10, com 3,2%. As lexias de origem francesa são 9, com 2,8%, seguidas das de origem castelhana com 8 itens e 2,5%, as de origem controvertida com 7 lexias e 2,33%, as de origem árabe com 6 unidades lexicais com 1,8%. Foram ainda encontradas lexias cuja origem é desconhecida, incerta, obscura e italiana com 3 unidades cada e as de origem onomatopaica, celta e híbrida com duas ocorrências cada uma. Foram também assinaladas as de origem malaia, do espanhol platino e do provençal com 1 lexia cada.

### **5.7. Quanto ao gênero e à forma das lexias**

Com relação à forma e ao gênero das lexias o que se pode perceber é que existe uma prevalência de lexias do gênero masculino, com 109 ocorrências, sendo 98 nomes masculinos simples e 11 nomes masculinos compostos, totalizando 59 % do total de nomes. Já os nomes femininos somam 75 e correspondem a 41% dos nomes, sendo 69 nomes femininos simples e 6 nomes femininos compostos.

### **5.8. Variação, manutenção e mudança ao longo do tempo**

É conhecida a dinamicidade da língua, cuja estrutura está sujeita à mudanças contínuas ao longo do tempo. Ao analisarmos as 226 lexias presentes nos dicionários consultados, podemos observar que 8 vocábulos, ou seja, 3,5 % sofreram algum tipo de mudança, seja na forma ou no significado, desde o século XVIII até os tempos atuais, sendo que muitas vezes foram substituídos por outras formas na língua padrão.

Apesar das mudanças verificadas, pode-se verificar que a grande maioria das lexias manteve a mesma forma desde a data do seu primeiro registro. Vale salientar que muitos desses vocábulos que mantiveram a mesma forma adquiriram com o passar do tempo novas acepções, conservando ainda o significado original. Dentre as 226 lexias dicionariza-

das, 176 lexias, ou seja, 77,8 % ainda mantêm praticamente a mesma forma e o mesmo sentido.

Prosseguindo com os casos de manutenção linguística, podemos verificar que, em nosso *corpus*, houve casos de vocábulos para os quais coexistem duas ou mais variantes, seja na língua padrão ou na língua popular. Foram verificados 20 casos, totalizando 8,8 % das lexias dicionarizadas.

Ao analisarmos os casos de variação, mudança e manutenção linguística do vocabulário rural, é possível inferir que devido à idade avançada dos informantes, o modo de vida que levam, o fato de permanecerem praticamente isolados, convivendo com um pequeno grupo de pessoas e afastados dos grandes centros, faz com que a língua falada por essas pessoas tenda a favorecer a manutenção linguística. Esse fenômeno pode ser confirmado por Naro (2003, p. 43) ao dizer que “Nos eixos sociais, os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas (...)” e também reforçado por Milroy (*apud* COSTA, 2012, p. 37) com o conceito de “rede social” ao dizer: “as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais, onde todos se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística”.

O modo de falar dessas pessoas é mais conservador, sofrendo mudanças mais lentas, o que contribui também para a existência de casos de variação linguística e para a presença de arcaísmos. Já os habitantes das zonas urbanas vivem o inverso e estão sujeitos a mudanças mais rápidas e a processos de inovação contínuos.

### **5.9. Quanto aos arcaísmos**

Para Mattos e Silva (2002), as características típicas do período arcaico da língua portuguesa são encontradas nas documentações remanescentes do período entre o século XIII e XIV e também na metade do século XVI. Para a língua portuguesa, costuma-se propor duas fases de periodização. A primeira fase do português arcaico vai até o final do século XIV e ainda, conforme alguns autores, uma segunda fase do português médio, com limite impreciso o que causa divergências entre linguistas históricos. Para Ivo Castro (*apud* MATTOS E SILVA, 2002, p. 29) o fim do período arcaico da língua portuguesa foi marcado com a representação do último auto de Gil Vicente, denominado *Floresta de enganos*,

no ano de 1536. No mesmo período morreu Garcia Rezende e foi publicada a *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira, considerada a primeira obra que faz um estudo metalinguístico do português.

Foi considerada, no nosso estudo, a cronologia proposta por Ivo de Castro, para o tratamento dos arcaísmos lexicais. Dessa maneira, os arcaísmos são as palavras que entraram na língua portuguesa no período compreendido entre os séculos XIII e XV, que não são mais usuais na norma padrão da língua portuguesa, mas que continuam ainda a ser utilizadas na linguagem popular e também no meio rural.

Após a análise das fichas lexicográficas, foram encontrados 7 casos de arcaísmos, que representam 2,5 % das lexias selecionadas.

## **6. Considerações finais**

Por meio deste estudo, podemos concluir que é notável a importância do vocabulário na cultura e na história de um povo. Isso se dá pela própria língua – sendo essa proposta primordial dos estudos lexicais: estudar a língua de uma determinada sociedade sem deixar de lado os elementos que estão intimamente ligados a ela, como a cultura e a identidade. Dessa maneira, os estudos do léxico servem a contribuir na preservação da memória de um povo, dado que a língua consegue conservar o que lhe há de mais particular, o que a faz distinta de qualquer outra comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A. A importância dos dados geolinguísticos para construção dos dicionários de língua portuguesa. In: CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra. (Orgs.). *Os di.ci.o.ná.rios: fontes, métodos e novas tecnologias*. 1. ed. Salvador: Vento Leste, 2011, p. 271-288.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; Cohen, Maria Antonieta Amarante De Mendonça; Universidade Federal de Minas Gerais. *A ausência/ presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais*: Campanha, Minas Novas e Paracatu. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras/ UFMG. Belo Horizonte, 2001.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BIDERMAN. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Presença/USP, 1982.

\_\_\_\_\_. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA, Raquel Pires. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia del linguaggio*. Roma: Meltemi, 2005.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação Lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FERREIRA, Manuela Barros et al. Variação linguística: perspectiva dialetológica. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

FREITAS, Cassiane Josefina; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2012.

HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Yakov. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

\_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompeu*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2009 (Dissertação de mestrado).

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003, v. 1, p. 43-50.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

RIBEIRO, Gisele Aparecida; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Seretões do Jacuhy*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2010.

SEABRA, M. C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2008.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses: breve história. In: \_\_\_\_\_. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.